

Piano em grupo sem fones de ouvido: uma abordagem colaborativa

Comunicação

Bruna Vieira
UFPI
brunavieira@ufpi.edu.br

Resumo: Este trabalho é um recorte de uma pesquisa de doutoramento na qual se desenvolveu uma abordagem de ensino-aprendizagem do Piano Funcional para o formato de grupo e que contemplou atividades com e sem o uso da notação musical. A pesquisa como um todo teve como principal objetivo compreender os processos de ensino-aprendizagem que incluem o tocar de ouvido e o papel que esta prática desempenha no desenvolvimento da literacia musical. A metodologia desenha-se numa investigação-ação realizada com duas turmas de cinco alunos ao longo de um semestre letivo em um curso superior de Música e os dados que aqui se apresentam foram coletados através do método *focus group* e da minha observação participante. Ao considerar que a investigação-ação contempla uma família de metodologias que incluem a mudança e a compreensão do objeto (COUTINHO, 2014), aqui se apresenta apenas um estudo exploratório de algumas intervenções realizadas no contexto analisado. Este recorte apresenta uma dimensão da abordagem que consiste na sua adaptação à falta de uma estrutura física adequada ao ensino de piano em grupo nas Universidades. À luz de pressupostos teóricos da aprendizagem colaborativa (CREECH, 2019), tem-se como objetivo compreender de que forma as estratégias utilizadas na abordagem em razão da adaptação mencionada resultou nos processos de ensino-aprendizagem dos alunos. Os resultados sugerem que as aulas de piano em formato de pequenos grupos sem o uso de fones de ouvido favorecem a interação e a troca de conhecimentos entre os alunos e propiciam um ambiente de observação no qual se podem perceber diferentes estilos de aprendizagem. Estas estratégias que contemplam diferentes estilos de aprendizagem, por um lado, tendem a reforçar os conteúdos trabalhados em aula, e por outro, a tornar a abordagem mais inclusiva.

Palavras-chave: piano funcional; piano em grupo; abordagem colaborativa.

Introdução

Em convergência com o tema *Educação Musical em tempos de crise: percepções, impactos e enfrentamentos*, este trabalho propõe uma reflexão sobre a criação de estratégias para o ensino de música quando se tem poucos recursos e apresenta-se como uma alternativa para o ensino de piano em grupo na ausência de laboratórios e equipamentos adequados. O presente trabalho apresenta um recorte da minha tese de doutoramento que consistiu na elaboração e implementação de uma abordagem de ensino-aprendizagem do Piano Funcional, através da qual busquei compreender o desenvolvimento do tocar de ouvido e uma possível relação desta prática com atividades que requerem o uso da notação musical. Esta pesquisa foi realizada no contexto da disciplina

Teclado Básico que compõe a grade curricular do curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal do Piauí. Esta disciplina é ministrada no formato de grupo e nela são desenvolvidas competências funcionais ao piano. Neste recorte da pesquisa, tem-se como principal objetivo compreender de que forma a adaptação da abordagem à estrutura física e aos recursos disponíveis para a sua realização refletiram nos processos de ensino-aprendizagem dos alunos. Dentre os desafios enfrentados no curso de Licenciatura em Música da UFPI, resalto a ausência de um laboratório de ensino de piano em grupo com pianos digitais conectados por um controlador, fones de ouvido e tantos outros recursos disponíveis no mercado para fins da abordagem em grupo. A pesquisa que aqui apresento foi realizada ao longo de um semestre letivo com duas turmas de cinco alunos (10 alunos ao todo) e, na ocasião, a sala que utilizamos dispunha apenas de dois pianos (sendo um acústico e outro digital)¹. Assim, foi preciso trabalhar com pelo menos dois alunos em cada piano. Por esta razão, a estratégia para solucionar o problema relatado foi desenvolver uma abordagem que pudesse favorecer a interação e a colaboração entre os alunos nos seus processos de ensino-aprendizagem.

Para além da questão da falta de recursos adequados, o curso de Licenciatura em Música da UFPI recebe alunos muito heterogêneos, principalmente, porque ainda não há outra opção de curso superior em Música, como por exemplo, um Bacharelado em Instrumento ou um curso específico de Música Popular. De maneira geral, ingressam no curso alunos que tiveram apenas experiências de aprendizagem musical informal (ex.: que tocam em bandas de música popular ou bandas de igreja, que tocam de ouvido e não sabem ler música) ou que já tiveram alguma formação musical, mas que têm pouca experiência no instrumento. Nesse contexto, a disciplina de Teclado Básico (ou Piano Funcional) passa a ser de grande importância na formação do aluno, tanto pelo papel que desempenha no seu desenvolvimento musical (sendo esta uma disciplina que complementa e dá suporte a outras disciplinas), quanto por ser uma ferramenta pedagógica na atuação profissional do futuro professor de música.

¹ Atualmente, a sala utilizada para a disciplina de Teclado Básico já dispõe de quatro pianos digitais, mas ainda, sem os equipamentos mencionados anteriormente.

O Piano Funcional

Esta é uma disciplina na qual são trabalhadas diversas competências funcionais no piano/teclado, sendo considerada como essencial na formação dos alunos de graduação em música (BASTIEN, 1973; CHRISTENSEN, 2000). As competências funcionais normalmente são trabalhadas em aulas de piano em grupo e tendem a variar de acordo com o programa curricular. Nos cursos de graduação em Música no Brasil, esta disciplina é comumente conhecida como Piano Complementar ou Piano em Grupo. No entanto, um estudo realizado por Machado (2016), acerca da presença do piano em grupo em instituições de ensino superior no Brasil, aponta que não somente a nomenclatura desta disciplina é muito variada, como também os programas curriculares e a estrutura física para a sua realização. A indisponibilidade de equipamento adequado ao formato de grupo nesta disciplina também é apontado por Santos (2013, p.50). A partir de um levantamento da literatura neste campo é possível concluir que há uma diversidade de abordagens utilizadas na disciplina de Piano Funcional nas Universidades Brasileiras. Para Vieira (2017, p.70),

As publicações também evidenciam uma variedade de possibilidades de realização da disciplina, que permite com que cada professor utilize a sua criatividade e a dos alunos para desenvolver um trabalho que seja mais adequado ao seu contexto.

Segundo Fischer (2010, p.9), as aulas em grupo proporcionam um ambiente ideal para se trabalharem competências funcionais como harmonização, transposição, improvisação, leitura à primeira vista, teoria musical e treinamento auditivo. A situação de grupo também favorece a aplicação de atividades criativas e dinâmicas e que estimulam a interação entre os alunos.

O programa de piano funcional também pode dar suporte a outras áreas do curso superior de música como, por exemplo, relacionar a harmonia ao teclado às aulas de teoria musical e a literatura do piano às aulas de história da música (BASTIEN, 1973, p. 315). Esta

disciplina, geralmente, tem o objetivo de aprofundar os conhecimentos musicais e fazer com que o aluno tenha uma experiência prática daquilo que aprende em termos teóricos e conceituais. Rogers (2004), ao refletir acerca das abordagens e filosofias no ensino da teoria musical, define que a aula de Piano Funcional é, acima de tudo, uma aula de música. Segundo o autor,

Exercícios de improvisação, tocar de ouvido, e exercícios de transposição são especialmente bons para coordenar o pensamento e a audição. O principal propósito da disciplina de teclado [funcional], então, sob um ponto de vista da teoria musical, é treinar o cérebro, não os dedos; a meta é de se tornar um músico, não um pianista (ROGERS, 2004, p. 71).²

Nessa perspectiva, procuramos desenvolver uma abordagem diversificada que integrasse as atividades com o suporte da notação musical às atividades com base na audição, como o tocar de ouvido, a harmonização de melodias, a transposição e a improvisação; e ao mesmo tempo, proporcionasse um ambiente de colaboração entre os alunos envolvidos.

Aprendizagem Colaborativa

Na perspectiva sob a qual pretendemos analisar o objeto de estudo, a abordagem proposta para o ensino-aprendizagem do Piano Funcional em pequenos grupos com ênfase na aprendizagem colaborativa tende a alinhar-se ao pensamento contemporâneo. Segundo Creech (2019, p.52), “...recentemente, há grande interesse no valor da aprendizagem colaborativa, em especial, com relação à interface entre colaboração e criatividade”.

Numa abordagem que estimula a aprendizagem colaborativa entre os alunos, o processo tende a ser construído em conjunto e, dessa forma, o professor não é visto como o único detentor do conhecimento e pode ser percebido mais como alguém que pode assumir a liderança do grupo. Em vista disso, valoriza-se tanto o conhecimento prévio do aluno

² Improvisation drills, playing by ear, and transposition exercises are especially good for coordinating thinking and listening. The ultimate purpose of the keyboard component, then, from a music-theory point of view, is to train the brain, not the fingers; the goal is to become a musician, not a pianist (ROGERS, 2004, p.71).

quanto a troca de conhecimentos que normalmente ocorre entre o grupo. Segundo Schleuter (1997, p.164) “Tudo o que nós fazemos ou aprendemos é influenciado por conhecimento e experiências prévias”. Portanto, torna-se imprescindível que o professor considere o perfil dos alunos para que possa determinar as atividades a serem realizadas na disciplina. Estas atividades, tanto devem adequar-se às características individuais de cada aluno (suas experiências prévias e seus estilos de aprendizagem), quanto ao ambiente colaborativo que se pretende criar, de forma a favorecer a qualidade dos processos compartilhados.

Na aprendizagem colaborativa, a aprendizagem é certamente afetada pela qualidade dos processos compartilhados e das atividades, o que, por sua vez, influencia o fato de um grupo demonstrar a capacidade de edificar conhecimentos novos e inovadores ou de aprimorar compreensões conceituais compartilhadas através de tais interações (BARRON, 2003; KRANGE e LUDVIGSEN, 2008 apud CREECH, 2019).

No intuito de desenvolver tanto a partilha dos saberes entre os alunos, quanto a criatividade no fazer musical, foram propostas atividades nas quais os alunos pudessem contribuir com decisões a serem tomadas, estratégias a serem utilizadas, análises em conjunto, reflexões sobre a música estudada e elementos novos a serem acrescentados no arranjo musical. Para tanto, procuramos trabalhar atividades variadas, que explorassem as competências auditivas e notacionais.

Atividades Auditivas e trabalho colaborativo

Dentre as atividades desenvolvidas nas aulas com base na audição, neste trabalho darei ênfase ao tocar de ouvido para exemplificar como ocorriam as interações entre os alunos. Nesta atividade, os alunos ouviam primeiro a gravação original da música (em áudio ou vídeo), e em seguida um arranjo que foi elaborado por mim em versão simplificada (somente para piano) para que pudesse facilitar a realização imediata da atividade durante a aula. Assim que os alunos ouvissem as gravações da versão original, faziam comentários a respeito das músicas e das versões apresentadas. Como forma de desenvolver esta atividade

em grupo, antes dos alunos executarem ao piano, todos trabalhavam primeiro na identificação e na compreensão do material musical. Por exemplo, nesta atividade eram realizados o solfejo, a execução de ritmos e a análise musical (inferência da tônica, identificação da tonalidade, identificação da métrica, análise fraseológica, identificação dos acordes, progressões harmônicas, etc.). Embora, no momento de tocar a música ao piano, somente um ou dois alunos fossem para o instrumento, na fase anterior, todos os alunos participavam ativamente, seguindo o princípio de que o que emerge do todo é maior que a soma das partes. Portanto, o trabalho realizado em grupo poderia favorecer o resultado final e, conseqüentemente, possibilitar ao grupo vê-lo como o objetivo mais importante no momento da aprendizagem. Na atividade do tocar de ouvido puderam ser desenvolvidos alguns aspectos que considero essenciais na formação musical:

- **Aprendizagem colaborativa:** pequenos grupos tendem a favorecer a interação e o trabalho colaborativo; os resultados do grupo podem tornar-se mais importantes que as realizações individuais; a atividade pode ser trabalhada em círculo; a aprendizagem pode tornar-se mais informal e o papel do professor ser visto como um “facilitador”; todos podem participar, dar opiniões e contribuir com a sua bagagem;
- **Valorização da performance:** o objetivo principal da atividade é o fazer musical e a aprendizagem dos conteúdos ocorre durante a prática e em favor dela; os arranjos simplificados facilitam a execução na própria aula; há um favorecimento da prática de conjunto (cada aluno tira uma parte da música e depois tocam em conjunto);
- **Exploração da criatividade:** novos elementos musicais podem ser acrescentados ao arranjo; podem ser utilizados outros instrumentos musicais para além do piano (cada aluno poderá levar seu próprio instrumento para a aula);
- **Aprendizagem em contexto musical:** os conceitos teóricos são aprendidos a partir da própria música; na atividade tocar de ouvido pode ocorrer a aprendizagem de novos conceitos e a replicação de conceitos aprendidos anteriormente em novo contexto musical.
- **Aprendizagem holística:** embora os conteúdos associados ao método adotado sejam sequenciais, não há a preocupação de que todos os elementos da música estejam associados a estes conteúdos, novos conceitos podem surgir a partir da aprendizagem da própria música; a evolução técnica do aluno pode ocorrer de acordo com as exigências do próprio repertório.

Para além da atividade “tocar de ouvido”, foram criadas outras atividades auditivas que pudessem ser associadas às atividades que seriam trabalhadas com a notação musical. Por exemplo, se a ênfase no capítulo do método adotado fosse no tópico “intervalos”, seriam trabalhados na aula auditiva exercícios perceptivos e de execução no piano também com ênfase em intervalos. O mesmo aplica-se a outras atividades como, por exemplo, harmonização e transposição.

Uma das principais estratégias realizadas para propor uma conexão entre as atividades auditivas e a leitura musical refere-se à análise musical. Se na atividade do tocar de ouvido os alunos analisavam em conjunto o movimento e a direção da melodia, esta análise também era realizada durante os exercícios de leitura. Rogers (2004) argumenta que a análise musical é uma ferramenta importante no treinamento auditivo e esclarece que a vantagem em se integrar uma disciplina na outra está no fato de treinarmos alunos que não sejam somente capazes de analisar uma progressão harmônica na partitura escrevendo os graus em números romanos, mas que também sejam capazes de entender uma progressão harmônica auditivamente. Segundo este autor,

A análise tanto conduz o ouvido como é conduzida por ele. Este processo duplo é infinitamente espiral... A análise deve ser sempre realizada em relação ao som e a escuta (para o progresso em aula) deve ser sempre feita em relação à análise. (...) Apesar do importante e, muitas vezes, decisivo papel que o exercício e a repetição têm no desenvolvimento das competências auditivas, o treinamento auditivo é antes de tudo treinamento mental – o que se passa entre os ouvidos é o que conta (ROGERS, 2004, p. 18).³

Assim, nas atividades do “tocar de ouvido”, tanto a análise musical favoreceu a escuta quanto a escuta favoreceu a análise musical.

O objetivo da análise musical na atividade tocar de ouvido não era apenas que um aluno identificasse sozinho um excerto da música, mas pelo contrário, que todos os alunos participassem ao mesmo tempo da análise e da identificação daquele excerto, colaborando uns com os outros, ainda que apenas um aluno o tocasse no piano. Esta colaboração ocorria

³ Analysis both leads the ear and is led by it. This dual process is endlessly spiral ... Analysis must always be done in relation to sound, and listening (for improvement in the classroom) must always be done in relation to analysis. (...) In spite of important and often crucial role that drill and repetition play in bulding aural skills, ear training is primarily mind training – it’s what goes on between the ears that counts (ROGERS, 2004, p. 18).

de forma musical, quando um aluno cantava ou entoava as notas da melodia para o colega quando não havia conseguido memorizá-la, ou de forma verbal, quando um colega fazia algum comentário a respeito da construção da melodia e, assim, todos juntos descreviam o que estavam ouvindo.

Atividades com notação musical e trabalho colaborativo

Nas aulas notacionais, uma das estratégias que utilizei tanto para estimular uma maior interação entre os alunos quanto para desenvolver melhor as atividades de leitura musical, foi sugerir que aqueles que tivessem maior facilidade auxiliassem os colegas nas atividades de leitura. Dessa forma, os alunos com maior facilidade na execução poderiam compartilhar com os outros as estratégias que funcionavam para si. Por exemplo, quando se sentavam em duplas nos pianos, era comum que aqueles alunos que tinham maior facilidade se sentassem junto por terem maior afinidade entre eles. Como estratégia, eu solicitava que estes alunos trabalhassem em dupla com aqueles que tinham mais dificuldade. Um exemplo das estratégias compartilhadas pôde ser observado numa peça em que foram trabalhados acordes na mão direita mantendo a mesma fôrma da mão, com deslocamento em graus conjuntos, e baixos na mão esquerda com saltos de quartas, quintas e oitavas. As seguintes estratégias foram propostas por alguns alunos para ajudar os colegas:

1. Solfejar a nota do baixo na mão esquerda enquanto toca os acordes da mão direita;
2. Ter a nota do baixo dos acordes como referência, já que a fôrma da mão se mantém e o movimento ocorre em graus conjuntos;
3. Não olhar para as mãos enquanto toca, fixando-se na partitura e no desenho do contorno;
4. Criar um exercício para trabalhar as dificuldades técnicas da peça de forma isolada da leitura.

Outra estratégia utilizada por um dos alunos e compartilhada com o grupo foi cantar a nota superior dos acordes da mão direita enquanto realizava o baixo na mão esquerda. Dessa forma, embora estivesse tocando apenas a mão esquerda, poderia ouvir

harmonicamente a peça durante a leitura e perceber a relação entre o baixo e a melodia no soprano.

Nas atividades de leitura trabalhadas em duplas, os alunos com maior facilidade puderam desenvolver e testar suas próprias estratégias para auxiliar os colegas, conduzindo-os na prática e aprimorando competências necessárias para atuarem como futuros professores de música. As estratégias desenvolvidas por eles em duplas eram compartilhadas com o grupo, de forma que todos pudessem refletir e discutir sobre tais experiências.

Resultados

Através dos depoimentos dos alunos, a respeito da abordagem proposta, coletados através das discussões em *focus group*, foi possível perceber que as duas turmas de alunos tiveram uma visão muito próxima em relação às vantagens da aprendizagem em pequenos grupos ao relatarem as suas experiências de forma muito semelhante. Um dos aspectos observados por eles foi a aprendizagem através da observação, como se pode ver no depoimento a seguir.

A gente acaba aprendendo também porque... eh... temos assim essa... essa terceira... essa outra visão, né? Porque a gente, além de ficar no piano, a gente vê o conceito e ainda vê alguém fazendo. (...) Então, eu não vou precisar passar pelo mesmo erro porque alguém já errou na minha frente. (...) Porque a gente pode analisar a mecânica e ver: “ah, meu dedo, esse dedo vai, esse dedo não vai”. Treinar na perna mesmo. (Aluno da turma 1)

No depoimento acima, um aluno esclarece que naquela situação de grupo, ele identifica três formas diferentes de aprendizagem: quando ele está no instrumento, quando aprende conceitos ou informações quando o professor dá explicações verbais a respeito do que será executado, e quando observa a execução do colega. Através da observação, ele analisa o aspecto mecânico da execução instrumental e, ao mesmo tempo, treina a digitação imaginando os sons internamente, o que o permite evitar o mesmo erro do colega durante a sua execução.

Um aluno de outra turma também ressalta a questão de aprender através das informações que são transmitidas quando o colega vai executar, mencionando que a cada

nova situação uma mesma peça pode ser trabalhada através de diferentes abordagens, e assim, esta forma de ensino-aprendizagem pode favorecer a interação entre os membros do grupo.

O que eu acho interessante, no caso, desse modelo é que assim, por exemplo, às vezes, quando tem... quando uma pessoa tem que fazer alguma coisa no piano e há aquela breve explicação para o grupo, isso é perfeito. Por quê? Porque o grupo 'tá' se informando de uma coisa que ela vai executar, né? E que, por exemplo, eu 'tô' executando. Executei. Aí vai o 'fulano', aí já há outra explicação sobre aquela peça. Isso é muito bom porque a gente vê o que aquela pessoa 'tá' fazendo, recebe as informações e quando a gente vai executar se torna bem mais fácil. Porque a gente tem já aquela breve explicação de como deve ser feito. Então, é muito bom também pela interação do grupo. (Aluno da turma 2)

E aí, e então, também pelo fato da gente observar pessoas que estão no mesmo nível que a gente. (Aluna da turma 2)

Outra questão mencionada pelos alunos foi o fato de estarem aprendendo com uma pessoa que consideram do mesmo nível, ou seja, na relação entre eles não há a hierarquia que normalmente existe entre professor e aluno e, assim, eles sentem que estão se desenvolvendo com alguém do “mesmo nível”, ainda que eles sejam diferentes entre si. Dessa forma, percebem que todos podem acertar e cometer falhas e que tudo faz parte do processo, uma vez que a aprendizagem passa a ser construída em conjunto.

... eu acho que com a aula em pequenos grupos, [se] você eh... tem uma dificuldade, você não insiste, no caso, no erro, do que na aula individual. (...) E quando você tem o grupo, tem aquela... partilha. Você divide com a outra pessoa também a sua angústia (...) e há também aquela conquista em conjunto. Quando tem as atividades que você propõe pro grupo todo realizar, eh... e que vai...essa atividade, cada um vai dando o seu palpite: "ah não, eu acho que é assim" ... há aquele complemento, ou seja, no final, é muito melhor ter várias cabeças pensando em prol de uma coisa do que só um e ainda mais quando essas, todas essas cabeças estão sob o mesmo nível. (Aluna da turma 2)

Ainda que os alunos percebam semelhanças entre si e sintam que estão no mesmo nível, uma classe nunca será homogênea, se considerarmos as características individuais de cada aluno. Contudo, estas diferenças em relação aos estilos de aprendizagem podem ser favoráveis ao grupo. Ainda que os alunos sejam diferentes, e por esta razão o professor

utilize diferentes abordagens para atender às demandas do grupo, os diversos ângulos sob os quais os alunos podem perceber um mesmo conceito podem apontar para novas possibilidades de se chegar ao resultado. A respeito dos diferentes estilos de aprendizagem dos alunos em contexto de aulas de piano em grupo, Coats (2006, p. 107) argumenta que

Um aluno pode ter uma boa compreensão teórica, mas ter dificuldade em coordenar as duas mãos juntas. Outro aluno pode ter uma boa facilidade ainda que não compreenda a forma e a estrutura da composição. Esses alunos estão provavelmente bem agrupados porque eles têm diferentes pontos fortes e fracos e, portanto, podem se beneficiar do ponto de vista do outro.⁴

De acordo com a visão da autora e com as experiências relatadas pelos alunos, mesmo que existam diferentes estilos e variações de níveis de aprendizagem, as diversas formas de se abordar um mesmo assunto podem se tornar complementares na medida em que ocorrerem associações entre uma abordagem e outra.

Considerações Finais

Os resultados desta pesquisa sugerem que, na ausência de um laboratório de piano em grupo com equipamentos adequados __ como o sistema de acoplamento de pianos digitais por um controlador e o uso de fones de ouvido __ as aulas de piano em grupo podem ser realizadas através de uma abordagem colaborativa entre os alunos. A partir deste estudo de caráter interventivo e ao mesmo tempo, exploratório, foi possível compreender que a falta de recursos pode servir como uma oportunidade para que o professor explore todo o seu potencial criativo na elaboração de estratégias e atividades que desenvolvam o fazer musical através de recursos humanos, daquilo que é possível realizar através do próprio corpo, da mente e da interação entre os indivíduos. O formato de pequenos grupos proporcionou um ambiente mais descontraído, resultando na interação e na troca de conhecimentos entre os alunos. Por esta razão, os alunos passaram a valorizar não apenas

⁴ A student may have good theoretical understanding, but have difficulty coordinating both hands together. Another student may have good facility yet not understand the form and structure of the composition. These students are probably well grouped because they have varying strengths and weaknesses and therefore can benefit from each other's viewpoint (COATS, 2006, p. 107).

os resultados individuais, mas principalmente o processo que foi construído em conjunto. Através da observação, perceberam que diferentes estilos de aprendizagem como, por exemplo, observar alguém tocando, ouvir a explicação verbal e executar, foram complementares e reforçaram o conteúdo que estava sendo aprendido. Nesse sentido, os resultados sugerem que uma abordagem que contemple tanto recursos auditivos quanto notacionais, englobando aprendizagem visual, cinestésica, verbal, por imitação e tantos outros estilos de aprendizagem, tenderá a ser mais inclusiva.

Referências

BASTIEN, J. *How to teach piano successfully*. Sandiego: Neil A. Kjos, Jr. Publishers, 1973.

CHRISTENSEN, L. A survey of the importance of functional piano skills as reported by band, choral, orchestra, and general music teachers (Tese de Doutorado). Norman: University of Oklahoma, 2000.

COATS, S. *Thinking as you play. Teaching Piano in Individual and Group Lessons*. Bloomington: Indiana University Press, 2006.

COUTINHO, C. P. *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. 2ª ed. Coimbra: Almedina, 2014.

CREECH, A. Uma pedagogia da colaboração. In: NASCIMENTO, M. T.; STERVINO, A. (Org.). *Música e Colaboração: Perspectivas para a Educação Musical*. Sobral: Sobral Gráfica e Editora, 2019. p. 50-65.

FISHER, C. *Teaching Piano in Groups*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

Machado, S. G. A presença do piano em grupo em instituições de ensino superior no Brasil. *Orfeu*, Ano 1, n. 1, p.132-155, 2016.

ROGERS, M. *Teaching Approaches in Music Theory. An Overview of Pedagogical Philosophies*. Trustees: Southern Illinois University Press, 2004.

SANTOS, R. L. O Ensino de Piano em Grupo: uma proposta para a elaboração de método destinado ao curso de piano complementar nas universidades brasileiras (Tese de Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.

SCHLEUTER, S. L. *A sound approach to teaching instrumentalists: An application of content and learning sequences* (2nd ed). New York: Schirmer Books, 1997.

VIEIRA, Bruna M. L. A Relação entre Tocar de Ouvido e Literacia Musical: uma abordagem integrada de ensino-aprendizagem do Piano Funcional (Tese de Doutoramento). Aveiro: Universidade de Aveiro, 2017.